EDUCAÇÃO&EMPREGO

Baixa qualificação

Especialistas analisam a realidade do mercado brasileiro e as escolhas dos trabalhadores, que não conseguem investir na carreira por falta de oportunidades ou por questões financeiras

Helio Montferre/Ipea

Tempo fora da área pode dificultar retorno, afirma Maria Lameiras, do Ipea

Arquivo pessoal

Solange de Castro, do Ibmec: experiência prática na faculdade é essencial

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam que a maior parte dos trabalhadores do Brasil possui ensino médio completo e que a maioria das vagas ofertadas também é direcionada para esse perfil. De acordo com Maria Andreia Lameiras, técnica de planejamento e pesquisa do Ipea, nos últimos anos, o crescimento brasileiro tem sido muito focado nos serviços. "Esse é o setor que mais cresce e, consequentemente, o que mais emprega. Os empregos gerados nesse setor são, em sua maioria, de baixa qualificação, exigindo menos escolaridade. Então, esses são os empregos mais comuns", explica.

"Dessa forma, muitos recém-formados, quando saem da faculdade, têm duas opções: se capacitar mais para esperar uma vaga na sua área ou aceitar um emprego que não requer qualificação imediata, mas que pode manter até encontrar algo melhor. Infelizmente, para a maioria da população brasileira, esperar por um bom emprego não é uma opção viável, pois há contas a pagar e, às vezes, uma família para sustentar", completa a pesquisadora.

Prejuízos

A especialista em carreira e professora de liderança no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Solange de Castro, afirma que um dos principais problemas é a falta de estímulo ao profissional. "É muito complicado para o funcionário quando ele tem condições de contribuir mais, mas não tem espaço para isso. As tarefas não exigem e não requerem a graduação feita. Isso desmotiva", elucida. Essa problemática atinge não só o empregado como também o empregador: "Se existe uma vaga na qual os candidatos de nível médio e superior aceitam receber a mesma remuneração, é mais provável que o empresário opte pela pessoa mais qualificada. Mas nem sempre essa é a melhor decisão, porque a desmotivação leva à improdutividade e ao baixo desempenho".

Outros prejuízos, segundo Solange, são a perda de competitividade do país no cenário global, o achatamento salarial em cadeia, a redução da arrecadação de impostos e a insustentabilidade do sistema previdenciário do país. "O modelo de crescimento econômico do Brasil continua baseado em serviços de baixa qualificação, enquanto em economias desenvolvidas, o crescimento é sustentado por serviços que exigem maior qualificação", explica.

Maria Andreia complementa ressaltando que, quanto mais o trabalhador de nível superior fica fora da sua área de atuação, mais difícil é para ele ingressar nela posteriormente. "Estudos mostram que é mais fácil para recém-formados conseguirem empregos dentro da sua área do que para aqueles que estão fora dela há alguns anos. Isso ocorre porque o mercado pode interpretar o tempo sem emprego na área como falta de qualificação recente, o que pode ser um obstáculo na busca por oportunidades melhores", conta.

Dicas

Além do papel do Estado, de fazer um diagnóstico constante para alinhar as diretrizes do ensino superior às demandas do mercado de trabalho, é necessário um esforço a mais por parte dos profissionais, ainda na faculdade. "As pessoas que têm uma boa graduação, que aproveitaram bem esse período para fazer estágio, buscar experiência e enriquecer o currículo, tendem a ter mais facilidade de conseguir uma posição de nível superior. Não basta apenas o diploma, a graduação deve ser sólida a ponto de proporcionar verdadeiras condições para a pessoa adquirir habilidades e especialidades. Capacite-se ao ponto de o seu currículo ser desejado para cargos compatíveis com sua qualificação."

Considerando os diferentes recortes socioeconômicos, outra indicação é encontrar maneiras de aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade quando se é necessário aceitar empregos de menor qualificação para garantir renda. "Isso trará mais qualificação e tornará o profissional apto para quando surgir uma vaga adequada à sua formação", explica Maria Andreia. **(ME)**